

A MÚSICA POPULAR E SUA CRÍTICA NO BRASIL: O DIÁLOGO COM A CONTRACULTURA

Aluno: Aluysio Augusto de Athayde Neno

Orientadora: Santuza Cambraia Naves

Introdução

A pesquisa lida com o tema da contracultura no Brasil, recorrendo a uma vasta bibliografia. Procuramos acompanhar o surgimento dessa sensibilidade no país e seu desenvolvimento ao longo dos anos. Um fenômeno que recebe destaque na investigação é o movimento tropicalista, considerado por muitos como uma manifestação da contracultura, embora apresente especificidades locais

Objetivos

Traçar um panorama da contracultura no Brasil (envolvendo não só a música, mas também o teatro, as artes plásticas, a literatura em geral e o cinema), estudando profundamente a filosofia do movimento, seu nascimento nos EUA e em alguns países europeus, assim como seus desdobramentos no Brasil contemporâneo. Além disso, a pesquisa tem o objetivo de estudar temas mais específicos dentro do movimento, como a introdução de uma nova performance pela contracultura e os desdobramentos da ideologia contracultural em outras áreas, como nas artes plásticas dos anos 60.

Metodologia

A performance é uma das marcas de maior originalidade no movimento contracultural e, mais especificamente, no Tropicalismo. Assim, através do levantamento não só de uma bibliografia sobre este tema como também de fontes sonoras e audiovisuais, procuramos observar as características da performance tropicalista do Brasil dos anos 60. Além disso, temos também estudado as raízes do movimento, localizadas tanto nos EUA de meados dos anos 60, com o movimento hippie e as performances dos grandes ícones musicais de festivais como Woodstock e Monterey Internacional Pop Festival, quanto no maio de 1968 francês, com a atualização, pelos estudantes universitários, das palavras de ordem associadas à “esquerda”.

Procuramos observar, ao longo da pesquisa, como o artista contracultural, ou o “superastro”, categoria criada por Silvano Santiago, se utiliza de toda uma linguagem visual, o que impede que se analise o movimento somente pelo âmbito musical. O movimento contracultural, segundo Santiago, é essencialmente performático e performaticamente original. Santiago argumenta que o “superastro”, ou o artista da contracultura, possui um “corpo que fala”, demonstrando que a música sozinha não possui tanta importância; ela deve ser estudada juntamente com a performance do artista. [1]

Além disso, é mister analisar as artes plásticas do período dos anos 60. O movimento Neoconcreto, e seus dois grandes ícones, Hélio Oiticica e Lygia Clark, inauguram uma nova fase na cultura do país. Através de obras totalmente inovadoras,

esse movimento procurou a dissociação de um membro da equação estética- o público- de seu lugar tradicional: o de sujeito da contemplação.

Assim, podemos citar obras como “Tropicália”, de Hélio Oiticica (obra que deu nome ao movimento tropicalista), que é considerada um dos pontos mais elevados da arte contemporânea no esforço de integrar questões sócio-culturais de setores marginalizados da sociedade de consumo numa autêntica experiência contracultural de transformação da linguagem. Nas palavras de Paulo Sérgio Duarte: “Se comparada com os modernistas brasileiros da década de 1920, [Hélio Oiticica] faz da ‘antropofagia’ destes um pedante jantar em um restaurante elegante.” [4]

Lygia Clark, como outro grande ícone do movimento neoconcreto, nos demonstra uma noção inovadora de experiência estética. Uma experiência estética com exploração sensorial em múltiplas direções, envolvendo o olhar, a audição, o tato, o olfato e o paladar; implicava uma apreensão da totalidade do fenômeno estético.

Desta maneira, essa pesquisa tenta traçar esse panorama das artes contraculturais brasileiras, focando em determinados objetos de sumo valor para a compreensão mais aprofundada deste período da história cultural do país.

Conclusões

Através da pesquisa mencionada, compreendemos a contracultura como um movimento de forte influência em todo o Ocidente, transformando pensamentos, comportamentos e performances artísticas, em suma, modificando arte e vida.

Referências bibliográficas:

- 1- SANTIAGO, Silvano. Uma literatura nos trópicos. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- 2- ROSZAK, Theodore. A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 3- DUARTE, Paulo Sérgio. Anos 60: transformações da arte no Brasil. Rio de Janeiro, Campos Gerais Edição, 1998
- 4- PAIVA, Carmem Maia. Lygia Clark e Hélio Oiticica: a arte como arquitetura da liberdade. Rio de Janeiro, Tese de Mestrado do Depto. de História- PUC- Rio, 1995.
- 5- FIGUEIREDO, Luciano. Hélio Oiticica: vida e obra. Rio de Janeiro, Catálogo da Mostra Rio de arte contemporânea, 2002.
- 6- JACQUES, Paola Bernstein. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro, Casa da Palavra Editora, 2001.